

SEMINÁRIO DE FILOSOFIA MODERNA: DAVID HUME E A IDEIA DE MAL COMO AMÁLGAMA SOCIAL

FABRICIO BOSCOLO DEL VECCHIO¹

CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹*Instituto de Filosofia, Sociologia e Política – fabricioboscolo@gmail.com*

²*Instituto de Filosofia, Sociologia e Política – clademir.araldi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Na graduação em Filosofia, uma das estratégias pedagógicas menos frequentes e bastante profícuas é a organização de disciplinas de Seminário. Embora, muitas vezes, o trabalho se limite à interpretação e contextualização de fragmentos de filósofos ou à discussão de pequenos textos filosóficos, tem-se observado uma mudança metodológica (FÁVERO et al., 2004). Recentemente, docentes têm adotado práticas mais participativas, nas quais discentes trocam opiniões sobre os assuntos debatidos, ampliando a compreensão crítica. Contudo, a leitura de textos filosóficos de primeira mão ainda é pouco frequente, o que pode limitar a familiaridade dos alunos com as fontes originais do pensamento filosófico (FÁVERO et al., 2004). No interior da graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas há as disciplinas de Seminários, e o presente texto apresenta uma experiência ocorrida na disciplina de Seminário de Filosofia Moderna, a qual tem a característica de desenvolver tópicos relacionados ao período filosófico compreendido como Modernidade, localizado entre os séculos XVII e XVIII (CHAUÍ, 2000). Nesse sentido, o docente regente propôs leitura e apresentação de seminários da obra “Diálogos sobre a religião natural” (HUME, 2016).

Destaca-se que Hume (1711-1776), filósofo escocês, foi uma figura central do Iluminismo e um dos três maiores empiristas britânicos, ao lado de John Locke e George Berkeley. Ele se opôs ao racionalismo de Descartes e às visões teológico-metafísicas do espírito humano. Dentre suas principais obras, destaca-se “Tratado da Natureza Humana” (TNH), na qual Hume analisa os princípios da natureza humana, aplicando o raciocínio experimental aos problemas éticos e à filosofia moral, e “Investigações sobre o entendimento Humano” (IEH), em que discute sobre como fundamentar racionalmente toda a atividade humana e estabelece o conceito das origens do conhecimento (SAISI, 2016).

Estruturalmente diferente de TNH e IEH, “Diálogos sobre a religião natural” (DRN) emprega o formato de diálogo filosófico, organizado em 12 partes, para explorar diferentes perspectivas sobre a religião. Ao longo do diálogo, Hume faz uma análise crítica dos argumentos tradicionais para a existência de Deus, questionando a capacidade da razão humana de alcançar conclusões seguras sobre a divindade. O objetivo do presente resumo é explicitar como a disciplina de Seminário de Filosofia Moderna e as atividades derivadas da leitura da obra DRN despertaram interesse discente para estudo da ideia do mal como um artifício para manutenção do poder e da coesão social por parte das religiões.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

No primeiro dia de aula, o docente responsável propôs leitura e discussão da obra “Diálogos sobre a religião natural”. Metodologicamente, em cada aula seria

lida uma das 12 partes e, então, ocorreriam discussões sobre a mesma. Em adição, de acordo com interesse discente deliberado, partes específicas seriam escolhidas, lidas e apresentadas por estudantes, em aulas previamente agendadas. Nessa perspectiva, o autor do presente resumo se responsabilizou pela leitura e apresentação da Parte 10, que compreende as páginas 101 a 114 da obra.

A grosso modo, Diálogos sobre a Religião Natural foram publicados postumamente, em 1779, e são abordadas questões fundamentais sobre a existência e a natureza de Deus. A trama gira em torno de três personagens principais: Cleantes, que defende a existência de Deus com base no argumento teleológico; Dêmeas, que adota uma postura mais mística e fideísta, insistindo que a razão humana é insuficiente para compreender Deus; e Filão, o cético, que desafia ambos os interlocutores e frequentemente expressa pontos de vista que parecem refletir o próprio ponto de vista de Hume. De modo amplo, os personagens discutem temas como o problema do mal (objeto do presente texto), a insuficiência das provas empíricas para demonstrar a existência de uma divindade e as limitações da analogia entre o universo e uma máquina projetada.

Para apropriação do conteúdo, foram adotados os seguintes passos, sugeridos por SEVERINO (2009): i) análise textual, ii) análise temática, iii) análise interpretativa, iv) problematização e v) reelaboração reflexiva.

De modo subsequente, para elaboração do seminário, com duração de 60 minutos, empregou-se recurso multimídia (Power Point, versão 2016). No mesmo, além de disponibilização de trechos selecionados da obra, acoplaram-se mensagens complementares derivadas:

- i) Evidências científicas. Por exemplo, no §2 Filão cita que “Afiml, é necessário provar aquilo que todos sentem dentro de si? É necessário apenas fazer-nos sentir isso, se possível, mais íntima e sensivelmente”. Neste ponto, discute-se a ideia do efeito placebo e dos vieses cognitivos, indicados por CHALMERS (1993) e BACCHI (2024).
- ii) Cartazes populares disponíveis na internet. No §3, Dêmeas cita “E quem pode duvidar do que todos os homens declaram a partir de suas próprias e imediatas sensação e experiência?” Aqui, foi trazido um cartaz muito popular de dois indivíduos que se intitulam pastores religiosos, sendo que o primeiro já “foi no inferno 7 vezes” e o segundo já “morreu 5 vezes”.
- iii) Imagens históricas. No §17, Filão cita um trecho atribuído à obra *De rerum natura*, de Lucrécio, e foi inserida a capa do texto no seminário.
- iv) Citações e exemplos filosóficos específicos. No §12, quando Filão cita que “O homem é o maior inimigo do homem”, apresentou-se a famosa frase de Thomas Hobbes, “O homem é o lobo do homem”. E no §14, quando Dêmeas diz que “Todos os bens da vida reunidos não fariam um homem verdadeiramente feliz, mas todos os males reunidos de fato fariam um desgraçado”, são explicitadas as discussões que HOBBUS (2004) apresenta acerca da *Eudaimonia* proposta por Aristóteles.

Durante a apresentação do seminário, elencou-se um ponto-chave, que versa sobre como as religiões tratam a questão do mal. Tal reflexão decorreu da leitura e análise de dois parágrafos em específico, a saber:

§12. “Ademais, considera, Dêmeas, esta mesma sociedade, pela qual sobrepujamos aquelas bestas selvagens, nossos inimigos naturais: que novos inimigos ela não levanta contra nós? Que calamidade e miséria ela não ocasiona? O homem é o maior inimigo do homem. Opressão, injustiça, desprezo, insolência, violência, sedição, guerra, calúnia, traição, fraude: através disto se atormentam um ao outro, e dissolveriam logo aquela sociedade que formaram, não fosse o pavor de males ainda maiores que devem acompanhar sua separação.”

§26. “Atribuis, Cleantes (e creio que com justeza), um propósito e intenção à natureza. Mas qual é, rogo que respondas, o objetivo desse curioso artifício e maquinaria que ela dispôs em todos os animais? Apenas a preservação dos indivíduos e a preservação da espécie. Parece bastar ao propósito dela se tal posto for precariamente preservado no universo, sem qualquer preocupação com a felicidade dos membros que o compõem. Nenhum recurso para este propósito, nenhuma maquinaria a fim de meramente dar prazer ou tranquilidade, nenhuma fonte de pura alegria e contentamento, nenhum prazer sem qualquer carência ou necessidade o acompanhando – no mínimo, os poucos fenômenos desta natureza são sobrepujados por fenômenos opostos de importância ainda maior.

No §12, Filão avança em seu raciocínio acerca do homem como seu maior inimigo. Na última frase, ele sugere que as sociedades não acabariam em função do medo de males maiores que poderiam advir da separação da vida em sociedade. Aqui, pode-se sugerir que as religiões operacionalizam o mal como uma amálgama social – qual seja, ao enfatizá-lo, institucionaliza-se um artifício para manutenção do poder e da coesão social. Já no §26 da obra “Diálogos sobre a Religião Natural”, Filão problematiza a natureza, inquerindo se ela seria apenas um artifício e maquinaria para a preservação dos indivíduos e da espécie, em paralelo, por que não considerar que as religiões usem o mal como um artifício e maquinaria para a preservação dos indivíduos e da espécie?

Isto pode ser considerado porque Hume dedicou grande parte de sua obra a uma análise crítica da religião. Uma das suas principais teses era que a crença no mal, especialmente na ideia de um mal absoluto ou de um diabo, era fundamentalmente um artifício utilizado pelas religiões para manter o poder e a coesão social. Hume argumentava que a noção de um ser maligno, oposto a um Deus benevolente, era uma construção humana, e não uma realidade objetiva. A ideia do mal, segundo ele, servia a múltiplos propósitos para as religiões, a saber: (1) *Controle Social*: As consequências do pecado e da desobediência, a ameaça do inferno ou de outras punições divinas servia como um poderoso mecanismo de controle. (2) *Explicação do Sofrimento*: A existência do mal e do sofrimento humano sempre foi um desafio para as teodiceias (justificativas da existência de Deus em um mundo imperfeito). Ao introduzir o mal, as religiões podem oferecer uma explicação simples, atribuindo a ele uma força oposta a Deus. (3) *Preservação do Poder Religioso*: A crença no mal permitia que as religiões justificassem seu próprio poder e autoridade. Os líderes religiosos se apresentavam como os únicos capazes de proteger os fiéis das forças do mal e de oferecer a salvação.

Após a leitura e apresentação do seminário, destaca-se que Hume é evidenciado por ter avançado de versões de incompatibilidade do argumento do mal para um argumento evidencial do mal. Nessa perspectiva, TOOLEY (2019) sugere que Hume não se limita a argumentar que a existência de um Deus perfeitamente bom é incompatível com a presença do mal. Em vez disso, ele apresenta um argumento evidencial que considera a probabilidade de diferentes

hipóteses sobre a causa do mundo, incluindo a hipótese de que a causa ou causas do mundo “não têm bondade nem malícia”. A abordagem de Hume sugere que, ao considerar as evidências do mal e do sofrimento, a crença no teísmo se torna menos provável. Isso implica que a presença de mal no mundo pode ser vista como um forte argumento contra a existência de um Deus, que seria tanto onipotente quanto perfeitamente bom.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da parte X da obra "Diálogos sobre a Religião Natural" de Hume, realizada na disciplina de Seminário de Filosofia Moderna, proporcionou a oportunidade de se discutir a relevância do problema do mal. Ao explorar as perspectivas apresentadas pelos personagens Cleantes, Dêmeas e Filão, o discente foi instigado a questionar os fundamentos das crenças religiosas e a refletir sobre o papel do mal na construção de sistemas teológicos.

A partir da leitura e análise de trechos específicos, em especial os parágrafos 12 e 26, foi possível identificar como Hume utiliza o mal como ferramenta para criticar as religiões, sugerindo que a crença no mal é um artifício para manutenção do poder e da coesão social.

A experiência proporcionada pela disciplina permitiu desenvolvimento de habilidades de análise textual, argumentação e pesquisa, além de aprofundamento nos conhecimentos sobre a filosofia moderna, empirismo e o problema do mal. Como possibilidades futuras, destaca-se a possibilidade de confrontar as ideias deste filósofo empirista: (1) com as ideias de Agostinho de Hipona, quanto às categorias de mal (ontológico, físico e moral), dado que ele sintetiza suas reflexões ao pontuar que só existe o mal moral e (2) com o modo como as neurociências e as evidências científicas explicam o problema do mal, o qual considera que comportamentos violentos ou moralmente condenáveis são compreendidos a partir de problemas cerebrais, genética e condições ambientais, o que levanta questionamentos quanto à visão filosófica tradicional do mal como um fenômeno puramente moral.

4. REFERÊNCIAS

- BACCHI, A.D. **Afinal, o que é ciência?: ... e o que não é.** São Paulo: Editora Contexto, 2024.
- CHALMERS, A.F. **O que é ciência afinal.** Brasília: Editora Brasiliense, 1993.
- CHAUÍ, M. Principais períodos da história da Filosofia. In: CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2000, Cap.4. p.43-48.
- FÁVERO, A.L.; CEPPAS, F.; GONTIJO, P.E.; GALLO, S.; KOHAN, W.O. O ensino da Filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. Caderno Cedes, Campinas, V.24, n.64, p.257-284, 2004.
- HOBBS, J. **Eudaimonia e auto-suficiência em Aristóteles.** Pelotas: Ed Universitária, 2004.
- HUME, D. **Diálogos sobre a religião natural.** Traduções, notas e posfácio de Bruna Frascolla. Salvador: EDUFBA, 2016.
- SAISI, K. **Para conhecer a filosofia de David Hume.** 2016. Editora Unesp. Acesso em 16 set. 2024. Online. Disponível em: <https://editoraunesp.com.br/blog/para-conhecer-a-filosofia-de-david-hume>.
- SEVERINO, A.J. **Como ler um texto de filosofia.** 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- TOOLEY, M. **The problem of Evil.** Cambridge: Cambridge University Press, 2019.